

A REGENERACÃO

Semanário regionalista e cultural

AVENÇA

Director Literário—Dr. João endeiro
Composição, Impressão e Redacção na
Tip. Figueiroense—Figueiró dos Vinhos

DIRECTOR E EDITOR:

Doutor Manuel Simões Barreiros

Propriedade de João António Semedo

Administração: Tipografia Figueiroense

FIGUEIRO DOS VINHOS

Figueiró Histórico

De entre os monumentos históricos que o passado nos legou, temos de destacar, como dos mais valiosos, o Convento de Nossa Senhora do Carmo, símbolo de uma época das de maior grandeza que Figueiró atravessou e que foi dos primeiros que a Ordem dos Carmelitas Descalços instituiu em Portugal.

Foi colégio d'Artes dos mais importantes daquela Ordem, e os seus frades eram os pregadores desta região, onde fizeram grande colheita de adeptos.

Era senhor das Vilas de Figueiró e Pedrogão Grande, Pero de Alcaçova de Vasconcelos, descendente do grande Ruy Mendes de Vasconcelos, quando pediu ao Padre Provincial a necessária licença para fundar em Figueiró o referido convento, alegando «que Figueiró estava em sítio mui agradável, assim por gozar de bons ares e muitas e excelentes águas, como por ter de pão e azeite suficiente quantidade; de castanhas, frutas e vinho em abundância; e que os arredores, bem providos de pão e azeite, dariam aos religiosos, que saíssem a pedir por espaço de seis léguas, que mandavam as leis, o necessário para seu sustento».

A patente de licença foi passada pelo Padre Geral, em Triana de Sevilha, a 27 de Outubro de 1598, e a fundação teve lugar em 11 de Maio de 1600, com grandes festas e muito regosio da população. Em 3 de Julho de 1601 foi lançada a primeira pedra e entraram os religiosos para o convento em 1607.

A sua construção esteve primeiramente destinada na Fonte Ereira, mas tendo-se reconhecido que não convinha um convento tão afastado do povo, resolveu o fundador comprar a Francisco d'Andrade «um assento de casas e quintal e uma vinha, que estavam no princípio da Vila, pela quantia de 175 mil réis.»

Não sabemos quando deixou de funcionar. Hoje encontra-se ali instalado, em parte das suas dependências, o Hospital da Misericórdia. É pena que a igreja tenha chegado ao estado de abandono em que se encontra, porque possui uma bela nave e obras de talha de muito valor.

É muito curiosa a escritura da fundação e cláusulas a que se obrigavam os seus autorgantes, cuja transcrição faremos na próxima crónica.

M. A.

Conselho Municipal

Em sessão ordinária, reúne no próximo dia 14, pelas 14 horas, o Conselho Municipal.

Administração MUNICIPAL

A propósito da administração municipal, ocorre-nos uma conversa, que, há 22 anos aproximadamente, tivemos com um indivíduo desta terra, pessoa já fora da vida, pois tinha cerca de oitenta anos, — mas, a pesar disso, as suas faculdades mentais mantinham-se normais. E nós, novatos, gostávamos de o ouvir.

E para isso acercavamo-nos dele no seu banco predileto onde se sentava sempre, envolvido no seu velho capote, que, fosse verão, fosse inverno, não largava. Por aqui há destas excentricidades, — mas a pesar disso, era um espírito vivo, bem organizado e compreendedor, comentado a vida local, com muito critério e saber.

Um dia lembra-nos bem, falando acerca da administração municipal éle em resposta a um comentário que fizemos, deu-nos a resposta seguinte:

— Como é que éle há de fazer boa administração camarária, se nunca soube administrar a sua casa!

Ficámos pensando nesta resposta, fixámo-la. E hoje volvidos tantos anos, a pesar disso, nunca a esqueçemos.

Este pensamento, duma maneira genérica, encerra uma verdade.

É claro que há excepções, mas são muito raras.

Quem não administra bem as suas coisas, em geral, administra mal ou peor o que é dos outros.

São indivíduos, no dizer do povo que, não são para eles nem para o próximo, não são para ninguém.

Outrora a administração local, em regra, era confiada a indivíduos assim considerados.

É que nessa época e não vai longe, atendia-se mais, se não no todo, à conveniência política e punha-se de parte a questão administrativa.

O nosso concelho não fugiu à regra.

Vivemos neste regime durante muitos anos.

A administração local, caiu por tal forma, que pessoa alguma, com senso, jamais queria assumir a sua responsabilidade ou sequer colaborar.

Por 1923, se não estamos em erro, elegeram uma nova Câmara.

Dela faziam partes diversos indivíduos e alguns com vontade de fazer alguma coisa.

A maioria deles ainda vive e por isso conhece bem o episódio que vamos contar.

Um dos seus membros, creio que do senado, não tomou posse no dia 2 de Janeiro, por estar ausente.

Quando regressou, o secretário da Câmara chamou a sua atenção para o facto de éle ter faltado, dizendo-lhe ao mesmo tempo que tomasse posse.

Havia as melhores relações entre os dois; homens do mesmo tempo, mantinham não só boas relações, como também boa amizade.

Daí o à-vontade com que éle perguntou ao secretário:

— Olha lá ó Amadeu, como estão as finanças da Câmara?

— Limitamo-nos a fazer a cobrança de harmonia com a despesa dos funcionários e expediente.

— Então nada mais?

— Não, como sabes, a Câmara não aumenta os impostos porque isso agravaria a situação dos munícipes e como não

Hotel

De ano para ano se nota, cada vez mais, a afluência de turistas à nossa terra, o que resulta notar-se também, duma forma palpável, a falta dum hotel.

É um facto e afigura-se-nos, que não há uma opinião em contrário.

Precisamos pois, dum hotel.

Como construí-lo?

É um assunto, que a nosso ver compete à Câmara resolver.

Seria preferível que a sua construção fosse realizada por uma empresa particular, mas dada a relutância que há nesta terra, em aplicar dinheiro em empresas novas, só a Câmara, com a sua Comissão de Turismo, será capaz de resolver o problema, que urge se resolva, para o desenvolvimento futuro desta terra.

Cadeia Comarcã

A fim de escolher terreno para a futura cadeia comarcã, esteve nesta vila, na terça-feira desta semana, o sr. Professor dr. Beleza dos Santos, presidente da Comissão das Construções Prisionais e ilustre professor da Faculdade de Direito de Coimbra.

Filmes culturais

Dentro de um mês os trabalhadores assistirão, nos próprios centros onde exercem as suas actividades, a sessões cinematográficas.

Os filmes culturais serão oferecidos graciosamente pelo Ministério da Economia, Secretariado de Propaganda Nacional, Agência Geral das Colónias e pelos serviços especiais das Embaixadas britânica e das Legações da Alemanha, França e Itália.

A F. N. A. T. está ainda em negociações com os grémios dos importadores e distribuidores de filmes estrangeiros, para a exibição de cinema de larga metragem.

A primeira sessão, a título de experiência efectuar-se-á na Colónia de Férias «um lugar ao sol». Seguir-se-ão as outras, semanalmente, em Lisboa e arredores.

quere assumir essa responsabilidade, limita-se a receber a percentagem que cobra cumulativamente com as do Estado.

— E mais nada? — Mais nada.

— Então não sou cá preciso.

Despediu-se e foi se embora, sem tomar, portanto, posse. Este homem, depois do movimento de 28 de Maio de 1926, tem sido optimo auxiliar desta situação.

Em todas as obras de vulto, primeiro na comissão de turismo, mais tarde na Câmara e Conselho Municipal, éle tem colaborado em todas as obras de utilidade para o concelho.

Achamos de interesse narrar estes dois factos, principalmente para que os novos os leiam, a fim de analisarem e estabelecerem o paralelo entre a administração municipal de hoje e a anterior a 1926, ou seja a da revolução do 28 de Maio,

Analfabetismo

Há, problemas que, pela sua grandiosidade, pela extensão do número de indivíduos a que interessam, pela quantidade de questões deles dependentes, ultrapassam os quadros da direcção política dos pais, para serem verdadeiras questões nacionais, levando todo o povo, que é o grande interessado, a colaborar activamente na sua resolução.

De entre esses problemas, um dos mais cruciantes, um daqueles que nos envergonham perante o mundo, é do analfabetismo.

A história da luta contra o analfabetismo, é longa de mais de um século.

A gravidade da situação já aparecia clara aos dirigentes do país no primeiro quartel do século XIX, e por isso fizeram incluir na Carta Constitucional de 1826 o ensino primário gratuito e obrigatório. Os resultados práticos dessa disposição foram nulos ou quasi nulos, e quando em 1870 foi criado o Ministério da Instrução, sob a direcção de D. António da Costa, um dos mais activos pioneiros da instrução popular em Portugal, a situação pouco se tinha modificado. E daí para cá, basta saber-se que o decréscimo da curva do analfabetismo não vai além duma média anual dum escasso meio por cento, para vermos que o problema ainda não encontrou solução.

Com a implantação da República, foi dado um dos mais enérgicos impulsos à instrução popular. Não só pelo Estado, disseminando escolas por todos os cantos do país, mas também por uma miríade de beneméritos da instrução, fundando aqui um Centro para manter uma escola, abrindo ali uma «sociedade de instrução e beneficência», indo acolá fundar uma escola-officina, grupos de obreiros anónimos de uma tão alta e patriótica obra nacional.

Além dessa tão útil actividade, que infelizmente se enquistou por falta de uma propaganda larga e sistemática, de maneira a interessar nela as massas — os grandes jornais nunca tomaram a sério estas «bagatelas» — não podemos deixar de citar algumas iniciativas mais amplas.

De entre os lutadores nesta guerra sem fim contra o analfabetismo, lembramos o nome de Homem Cristo. Pretendia éle que as escolas nos quartéis — de que foi o grande impulsionador — fôsem enquadradas nas actividades militares, e que nenhum soldado fosse dado como pronto, sem que tivesse o exame de instrução primária. Se esta iniciativa tivesse tido seqüência, ter-se-ia dado um dos mais fundos golpes neste escalacho vergonhoso, que afoga as mais generosas iniciativas patrióticas. Felizmente que a nova reforma do exército retomou o caminho que Homem Cristo traçou.

D. L.

Este jornal foi visado pela Comissão de Censura

PORTUGAL E BRASIL

Impelido pelas circunstâncias e em obediência ao que julgou dever de honra, o Brasil, ao lado das nações unidas, declarou guerra à Alemanha e à Itália. Portugal, que mantém com a grande e próspera nação brasileira relações particularmente amistosas, logo definiu a sua posição perante o facto em comunicação diplomática entregue ao Governo daquela nação pelo nosso Embaixador no Rio de Janeiro.

Em palavras claras, sinceras e bem sentidas, essa comunicação diz o seguinte: "O Governo Português, para quem a posição jurídica assumida por Portugal no presente conflito nunca significou, como já mais de uma vez foi dito, quebra dos vínculos históricos que o prendem a outros países, mais obrigado se sente para com o Brasil, com o qual os estreitos laços de sangue tornam as relações inalteráveis. No momento em que o Brasil se encontra envolvido na guerra, o Governo toma a peito exprimir-lhe, em nome do povo português, os seus sentimentos de fraterna estima, de solidariedade moral e de emoção sincera com que acompanha o povo irmão na atitude de sacrificios que assumiu na defesa que considera sua honra e seu direito."

Palavras curtas, mas palavras bem significativas. Elas exprimem, na verdade, a emoção de um povo — o povo português — ao ver envolvido na guerra uma nação do mesmo sangue, da mesma raça, da mesma cultura e que fala a mesma língua, de uma nação que é, além-mar, a honra e a glória do génio lusiada — génio civilizador e construtor de nacionalidades, pelos dons admiráveis da comunicação dos valores morais e espirituais a todos os povos, aonde pôde chegar pela descoberta, pela conquista e pela ocupação.

Há, na hora que passa, entre Portugal e Brasil, uma perfeita compreensão das relações internacionais de amizade que devem presidir aos seus contactos permanentes no domínio da sua política externa. Os dois governos através de organismos competentes e de homens de cultura bem orientada, têm, ultimamente, definido com particular felicidade as grandes linhas do mútuo convívio luso-brasileiro. O acôrdo cultural, há pouco celebrado entre os dois países irmãos, é uma prova eloquente, insofismável, da política de amizade que os aproxima um do outro. Os portugueses admiram e estimam os brasileiros, assim como os brasileiros admiram e estimam os portugueses. Por tôdas estas razões, Portugal sente emocionadamente, os sacrificios, os sofrimentos que o Brasil vai suportar como país beligerante, acompanhando-o com a sua solidariedade moral.

Portugal sofre com as dôres do Brasil. A neutralidade nada nos pode afastar deste nobre sentimento.

A.

CURIOSIDADES

Batismo de Fogo — Pode dizer-se que soldados de todos os Domínios da Comunidade das Nações Britânicas se defrontaram com os soldados germânicos do Eixo, na Batalha de Dieppe. Há dois anos que os soldados do Canadá se têm mantido em progresso acelerado de mobilização, mas agora tiveram a oportunidade de se defrontarem com o inimigo. Na mesma noite da incursão britânica a Dieppe, chegava a Londres um grupo de jornalistas canadenses, conduzido através do Atlântico num bombardeiro, e aterrado na grande Metrópole imersa nas trevas impostas pela disciplina de guerra. Jam ler ou ouvir, pouco depois, o que a Rádio de Paris, sob o contróllo alemão, não hesitou em dizer a respeito dos bravos canadenses, filhos dos homens cujo heroísmo em Vimy os havia coberto de glória. Eis o que a Rádio de Paris testemunhou a respeito dos homens do Canadá: "Depois de terem desembarcado em cinco locais diferentes, perto

da cidade, os canadenses arremessaram-se contra as fortalezas germânicas com bravura e ferocidade magníficas"

A paralisia dos Galináceos — As galinhas estão sujeitas a uma doença que produz paralisia das asas e pernas. Em algumas espécies de criação, grande número de aves pôde ser afectado. Até recentemente, acreditava-se que a doença não atacava as galinhas senão depois de passarem da idade de 3 meses. A sua natureza verdadeira só foi descoberta quando F. Blakemore, da Universidade de Cambridge, fez investigações com pintos de pouca idade, os quais segundo se verificou, eram muito susceptíveis à referida doença. O Professor Dalling, do Laboratório Veterinário de Weybridge, na Inglaterra, acaba de mostrar que a paralisia das galinhas é uma fase de uma doença infecciosa aguda dos pintos, que tem por causa um agente ou vírus filtrável. No pinto, o agente acha-se filtrável através do ovo,

Correspondências

Aguda 10 42 — Foi nomeado para o lugar de Regedor da Freguesia de Aguda, em substituição de Ambrósio Carvalho de Abreu, que foi exonerado, o sr. Manuel Medeiros, industrial naquela freguesia.

Ao novo Regedor apresentamos os nossos cumprimentos.

Bêco, 2 de Setembro — Do cemitério de Tomar para o de Areias realizou-se ontem a transladação dos restos mortais do estudante Victor Pereira da Cruz, falecido já há anos, filho do sr. Manuel Pereira da Cruz, Reitor da confraria do Santíssimo de Areias e pessoa muito conhecida e estimada nesta região. No imponente préstito fúnebre incorporaram-se as confrarias do Santíssimo de Areias e de Pias, contando centenas de irmãos munidos das suas opas e insígnias, 4 clérigos, a Filarmónica Carrilense e muitíssimas pessoas, algumas das quais de grande categoria social, como S. Ex.º o sr. dr. Jaime Agria, digno Médico Municipal deste concelho, srs. Eduardo Nunes Garrido, do Bêco, António Godinho Flores, de Outeiro de S. Pedro e Henrique de Oliveira, Presidente da Junta de Freguesia de Areias.

Na igreja paroquial de Areias houve, às 12 horas, officio e missa cantada, de corpo presente, assistindo muitos fieis.

Aos leitores da "Regeneração" pedimos um P. N. e uma A. M. por alma do falecido Victor Pereira da Cruz.

Requiescat in Pace.

Campêlo, 20 de Agosto de 1942 — Vimos agradecer muito reconhecidamente às pessoas abaixo mencionadas os subsídios que se dignaram enviar-nos para a conclusão das obras da residência paroquial:

Firmino Henriques Varandas, natural de Alge e residente em Lisboa, 50\$00; Manuel dos Reis, natural de Peralcovo e residente em Lisboa, 50\$00; Maria Carolina Pereira, de Campêlo, 35\$00; João Simões Neves, da Ribeira Velha, 5\$00; Luciano Simões Gomes, da Ribeira Velha, 5\$00

principalmente no fígado e no músculo do coração.

Segundo a virulência do agente, os pintos podem morrer pouco depois da infecção ou podem restabelecer-se sem contudo medrarem e não logrando atingir peso normal durante um período de vários meses. A infecção com um agente de virulência muito baixa pode deixar de causar qualquer mudança apreciável no pinto de pouca idade. Em idade mais avançada — geralmente 5 a 6 meses — as aves infectadas, quando pintos, podem desenvolver sintomas característicos da paralisia das galinhas.

Há também indicações de que famílias de galináceos diferem na sua susceptibilidade à infecção. A doença pode ser eliminada de uma variedade pela prática, durante algumas gerações, da reprodução por sobreviventes, mas os descendentes permanecem susceptíveis à infecção. Esta última é transmitida por intermédio de dejectos infectados e está demonstrado que galinhas causa um agente ou vírus filtrável infectadas podem passar o agente

POR MINHA DAMA

Interesses de família levam-me a repetir, nestas férias, o passeio de há quatro anos: Châvelho, Ponte de S. Simão, Moínhos da Toca, Salgueiro da Lomba, Fragas de S. Simão e Aldeia de Ana de Aviz. A nossa Região é tão rica de panoramas, de trechos idílicos e de quadros de beleza fortemente impressiva que, qualquer que seja a direcção tomada, no círculo afamado, pelo passeio, a alma regressa enamorado e sonhadora, nas mãos vaporesas e acariciadoras de fadas aladas.

Na ida, e por alturas da Catraia, fomos ultrapassados por um grupo de que fazia parte uma mulher e duas raparigas. Uma destas feriu-me mais demoradamente a nossa atenção. Perfeito botão de rosa que o sol da mocidade, na intensidade da sua luz, começou a desabrochar, sagrando já, entre as sépulas do seu vestuário, as pétalas viçosas e belas do seu rosto. De lenço ao ombro e descalça, como a Margarida, toda ela se bamboleava naquêlo movimento harmonioso e grácil que Deus concedeu, como dom especial, às mulheres. Foi tão doce a impressão deixada pela rapariga que um de nós (éramos cinco os companheiros do passeio) não pôde abafar este desejo sincero.

— Oxalá o deus do Amor conserve ainda apagado o fogo que um dia, certamente, não deixará de atrair e queimar as asas de tão linda borboleta!

A descida da Barraca para a Ponte obriga a uma aplicação constante dos travões e o carro que os não tiver bem afinados não deve aventurar-se a tão perigoso exercício para não correr o risco de realizar o movimento que competiria a uma esfera de pedra em idênticas circunstâncias. A primeira e última estação era, está bem de ver, a ribeira.

Nas ascensão da Toca para o Salgueiro da Lomba houve uma passagem de bastante perigo para mim, que já tenho os travões um pouco sarunchados pelo reumatismo, e, com a velocidade do relâmpago, veio-me ao espírito a lembrança das fases mais arriscadas da escalada, em 1918, da fachada da Basilica do Estrêla pelos acrobatas Puertolanos.

E' verdade que os meus companheiros não fizeram uso da corda para me rebocarem porque a não tinham; mas os seus braços tiveram de funcionar como tal.

Existe, do lado direito e à beira do caminho que vem do Fato, uma fuma aberta na grada em cujas paredes nasce não sei se uma fonte se mil fontes. Julgo sugerir sufficientemente a poesia da fuma e dos trechos adjacentes da ribeira se disser que minha sobrinha colheu ali um feto real (e tinha muitos para co-

lher) e que a musa do novo Bernardino Ribeiro poderia b b r, por lá, a inspiração nos sarrá a poetização duma pastorela.

Já há muito que a meu espírito era espiado pela curiosidade de conhecer a estrutura e o funcionamento da máquina destinada ao fabrico de barrates. Este passeio e a gentileza, ou mais do que gentileza, a paciência beneditina do sr. Manuel Henriques Miguel, sócio da fábrica de lanifícios da Ponte de S. Simão, proporcionaram-me o ensejo de saciar o meu desejo.

Aproveito esta oportunidade para renovar ao sr. Henriques Miguel os nossos agradecimentos pelas suas captivantes atencões e informações detalhadas sobre as máquinas e transformações por que passa a lã desde a fição à tecelagem. Estas últimas informações são tanto mais de agradecer quanto é certo que os alunos, por falta de preparação, tiveram grande dificuldade em colher os ensinamentos de tão preciosa lição.

Para encher os olhos e o espírito de tôda a magastade e horror belo que se desprendem das Fragas de S. Simão, é preciso descer ao bito escabroso da ribeira e ser acrobata para executar em cima de pedras que a lixa da água arredondou e poliu, movimentos de arriscado equilíbrio. Confesso que, por amor às costelas, dispensei êsses jogos de acrobacia.

Diz a lenda que, quando os mouros acabaram a construção da ponte, convidaram S. Simão para a sua inauguração. Mas a sua única e sécreta intenção era despejar o Santo da ponte abaixo. Este, perfeitamente inteirado do pensamento maquiavélico dos mouros, monta o seu cavalo e afasta-se. Os mouros perseguem-no, mas em vão porque o seu vezo e possante corcei transpõe, num salto de formidável amplitude, a ribeira por sobre as Fragas. E' ainda a lenda que diz que, nas rochas dum e doutro lado, estão bem gravados os rastos das ferraduras do cavalo como testemunho do forte impulso dêste.

Os meus companheiros, para vê-los, abeiraram-se tanto da Fraga esquerda que, deitando-se sobre ela, ficaram com a cabeça suspensa sobre o abismo!

Não seria possível construir, em ferro ou cimento, uma ponte sobre as Fragas, que encurtaria a distância entre Figueiró e Aguda, Avellar, etc. e sobre essa ponte um miradouro que permitisse aos medrosos, como eu, admirar em tôda a sua imponência, o maravilhoso panorama?

Só os entendidos poderão responder.

Châvelho, Setembro de 1942.

José Rodrigues Dias

A. Teixeira Forte
ADVOGADO
Figueiró dos Vinhos

Manuel Mendes Coutinho, da Ribeira Velha, 15\$00; Manuel da Conceição Carvalho, da Ribeira Velha, 5\$00; Albino Rodrigues, das Molhas, 5\$00; Manuel Henriques, das Molhas, 5\$00; José Simões, das Molhas, 5\$00; João Rodrigues Ribeiro, das Molhas, 10\$00; Vitorino Pereira, dos Trepostos, 20\$00 e António Simões, dos Trepostos, 10\$00.

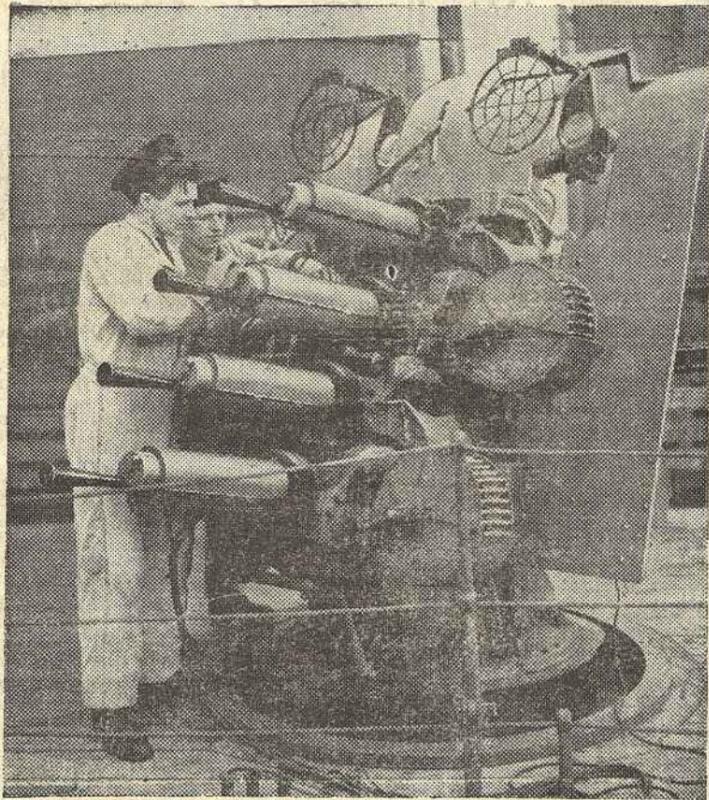
C.

Grémio da Lavoura Manifesto de cortiça

Todos os produtores, entidades públicas ou particulares, proprietários ou rendeiros que tirem cortiça, são obrigados a manifestá-la.

Os respectivos impressos poderão ser requisitados neste Grémio, serão feitos em duplicado e entregues até 31 de Dezembro do ano corrente.

A falta de manifesto determina a aplicação de multas que poderão ser fixadas entre 20\$ e 2.500\$00.



Um barco inglês que lança minas no litoral britânico e no litoral inimigo, afina as metralhadoras múltiplas para qualquer supresa.

Produzamos e poupemos

Há pouco, quando os funcionários do seu Ministério lhe apresentaram cumprimentos pelo 2.º aniversário da data de sua posse, o sr. Ministro da Economia, dr. Rafael Duque, formulou o desejo de que todos os técnicos sob a sua direcção se esforçassem neste ano agrícolas, como no anterior, pela campanha da maior produção para que o nosso povo não experimente os sofrimentos e dificuldades, que neste momento afligem outros povos.

Foi consolador o espectáculo, que se ofereceu aos nossos olhos no passado ano agrícola. O nosso povo, num alto sentimento do dever e de patriotismo, soube corresponder ao apêlo, que fez o Ministro da Economia e a verdade é que acresceu de muitos hectares a área cultivada com cereais panificáveis, legumes secos e tubérculos. Sob o ponto de vista climático o ano agrícola findo não foi dos melhores, razão porque as colheitas não corresponderam aos esforços despendidos. Isto não deve constituir motivo de desânimo. E, de resto, não há lugar para dúvidas sobre as consequências resultantes do nosso desleixo. Isto seria um mal para todos.

O Ministério da Economia, pelos seus serviços agrícolas empregará este ano os mesmos esforços, que vem desenvolvendo desde há anos, mas, sobretudo, depois da guerra, para que se atinja uma produção suficiente ou excedente ao consumo nacional. Não faltarão da sua parte os auxílios e estímulos à lavoura — os créditos para lavras, sementeiras, adubos e colheita; a assistência técnica, o fornecimento de sementes seleccionadas, adubos e fungicidas, etc.

Um primeiro d'creta foi já publicado, o que estabelece o novo regime cerealífero, que se liga directamente com a campanha de produção. E o Governo está atento a todas as circunstâncias que possam prejudicar o esforço da lavoura na sua função de produzir mais e melhor. Se essas circunstâncias surgirem, não tenha a lavoura dúvidas

de que serão tomadas as providências convenientes.

O exemplo de disciplina social, que demos no ano findo, é necessário que se repita este ano e nos que se seguirem durante o estado de guerra. Esse exemplo foi maravilhoso, a tal ponto que Salazar, que se não contenta facilmente, se lhe referiu com louvor. E' que, em verdade, nunca se viu que uma palavra de ordem do Governo, como a de «produzir e poupar», fôsse acolhida e seguida com maior entusiasmo. E' que o Governo, pelas suas realizações, pelo seu zelo na defesa do bem comum, adquiriu o prestígio necessário para que as suas indicações sejam seguidas. Há vinte e cinco anos, em circunstâncias, idênticas, ninguém teria escutado o Governo de então.

Produzamos e poupemos.

J. C.

J. Rodrigues de Oliveira

Doenças de Pulmões — Partos
Clinica Geral

— Consultório e residência: —

Figueiró dos Vinhos



Restos dum avião. Inglês abatido pela D. C. A. Alemã na Costa do Canal da Mancha

Casamentos

Em dois do corrente celebraram casamento na Igreja Paroquial desta vila, o ex.mo sr. José da Silva Flora, gerente da Empresa de Serração «Agría & Carvalho» e a sr.a Albertina da Conceição, desta vila. Apadrinharam este acto por parte do noivo os ex.mos srs. Alfredo dos Santos Conceição e sua esposa D. Amélia Lopes da Conceição e pela noiva seus cunhados Noé Dias Coelho e esposa Dóres da Silva Flora, todos desta vila.

Em seguida a este acto, também realizou o seu casamento, David Martins Alves, do Casal dos Vicentes desta freguesia, com Piedade da Conceição Rodrigues, de Marvil, tendo servido de padrinhos os recém casados.

Parabens.

Centro de Mobilização de Infantaria 15

EDITAL

João Monteiro Reinas Soares, Capitão do Q. R., Chefe interino do C. M. I n.º 15.

Faço saber que por ordem do Ministério da Guerra é feito convite aos 1.ºs cabos corneiros deste Centro de Mobilização que se acham licenciados, residentes nas freguesias do Concelho de Figueiró dos Vinhos, que desejem ir servir nas colónias nos termos do D. 13.309 de 23-3-927, devendo os que aceitarem este convite enviar as suas declarações para este Centro de Mobilização até ao dia 12 de mês de Setembro por intermédio da Administração desse Concelho, e apresentarem-se até às 11 horas do dia 14 de Setembro de 1942, a fim de ser presente à Junta Hospitalar de Inspeção e devem satisfazer às seguintes condições: (sem dispendio para fazenda nacional)

a) Ter bom comportamento, estando na 1.ª ou 2.ª classes de comportamento.

b) Ter bom aspecto físico. Quartel em Tomar, 5 de Setembro de 1942.

O Chefe,
João Monteiro Reinas Soares

AVISO

Para conhecimento das disposições do Decreto n.º 27.285, de 24 de Novembro de 1936, faço saber o seguinte:

Que todos os proprietários, que tenham arrancamento de vinhas a efectuar, em virtude das autorizações, que lhes foram concedidas pela Direcção Geral dos Serviços Agrícolas, tem de proceder aos referidos arrancamentos, até ao próximo dia 15 de Novembro. Passado este prazo, serão os mesmos feitos obrigatoriamente, pela Brigada, ficando os proprietários sujeitos às penalidades da Lei.

Caldas da Rainha, 31 de Agosto de 1942.

O Engenheiro Agrónomo, Chefe da VII Brigada Móvel dos Serviços Reguladores do Plantio da Vinha,
Carlos Ferreira Castanheira das Neves

AVISO

Para regular execução das disposições do Decreto n.º 28.285, de 24 de Novembro de 1936, faço saber aos vinctores que lhes é permitida:

a) — Reconstituição parcial ou total das vinhas situadas em terrenos apropriados para a sua cultura (n.º 1.º do Art. 1.º).

b) — Substituição de vinhas situadas em terreno de várzea para terrenos devidamente apropriados (n.º 2.º do Art. 1.º).

c) — Plantação de videiras, até 1000 pés, para a produção de uvas ou de vinhos nos casais agrícolas ou casas agrícolas de proprietários que não cultivarem vinha (n.º 3.º do Art. 1.º).

d) — Plantação de ramadas ou parreiras ornamentais junto às casas de habitação, arruamentos das hortas e semelhantes, (n.º 4.º do Art. 1.º).

Para isto, devem os proprietários requerer ao Director Geral dos Serviços Agrícolas, até 31 de Dezembro, mencionando o nome da propriedade, situação e confrontações, além da pretensão claramente expressa, a qual só será decidida depois da vistoria efectuada.

Os requerimentos serão entregues ou enviados para a sede da Brigada nas Caldas da Rainha.

As infracções ao disposto no Decreto n.º 27.285, serão punidas com multa de Esc. 2500 por cada pé de bacelo além da desobediência punida nos termos da lei geral (Art. 9.º) e do arrancamento ou destruição nos casos de plantio ou enxertia não autorizada, conforme o preceituado na referida lei n.º 1.891.

Na Sede da Brigada apenas se darão informações às 5.ª feiras, das 11 às 17 horas, a fim de não ser prejudicado o normal andamento dos diferentes serviços.

Caldas da Rainha, 30 de Setembro de 1939.

O Engenheiro-Agrónomo, Chefe da VII Brigada Móvel dos Serviços Reguladores do Plantio da Vinha,
Alvaro Godolphin de Mottos Cordeiro

Aviso

Para conhecimento dos proprietários, informo que a partir da data deste aviso, todos os requerimentos para plantação de vinhas, devem ser feitos em papel selado e o duplicado feito em papel almaço de 25 linhas.

Caldas da Rainha, 4 de Setembro de 1942.

O Engenheiro Agrónomo, Chefe da VII Brigada Móvel dos Serviços Reguladores do Plantio da Vinha,
Carlos Ferreira Castanheira das Neves

Moradia

Com quintal e várias dependências, tendo água própria e muitas árvores de fruto e outras, vende-se no centro de Cabaços. Informa: José Antunes, Cabaços.

Falecimentos

No passado dia 28 de Agosto findo, faleceu, nas Várzeas, o nosso assinante sr. João Coelho da Fonseca, de 83 anos de idade, funcionário apresentado dos C. T. T. A fim de assistir ao funeral, deslocou se de Lisboa o nosso amigo e assinante sr. Alfredo do Coelho da Fonseca, filho do falecido e empregado no Banco de Portugal.

— Com a idade de 95 anos, faleceu nesta vila no dia 9 do corrente o sr. Abilio dos Santos.

A's famílias enlutada, os nossos sentimentos.

AGRADECIMENTO

A família de Otilia da Graça de Mesquita vem por este meio agradecer a todas as pessoas que se dignaram incorporar no funeral ou, de qual modo, se interessaram pelo seu falecimento, pedindo desculpa por qualquer falta que involuntariamente cometesse nos agradecimentos feitos individualmente.

Joaquim J. Fernandes

Medico Municipal

Clinica geral

Doenças das crianças

Figueiró dos Vinhos

Escola de Corte Luc

RUA ADELINO VEIGA, 14-1.º

Professora diplomada ensina curso geométrico completo, habitando a executar vestidos e casacos e roupas interiores de senhora e criança e roupa interior para homem, em 33 lições. Também ensina costura e vai a casa das alunas.

Para informações, dirigir à ex.ª sr.ª D. Hermeia Lopes da Silva — Figueiró dos Vinhos.

Lenha de pinheiro

Vende-se por junto ou á carrada. Quem pertender dirija se a Alvaro Lopes Lucina — Carapinhal 4-2

Boletim Bibliográfico

Labareda, poemas de *Aurélia de Aragão*, fujam ao conceito total da obra — a labareda revolta. *Borges. Edições Claridade, Porto—1942.*

Nunca é demais insistir na importância dos títulos nas obras de imaginação, como aliás, em todos os escritos literários. O título da obra reveste simultaneamente um triplice papel: em relação ao autor, pode dar-nos, até certo ponto, dados de natureza psicológica e estética; em relação à obra, indica-nos as suas linhas gerais e o género literário em que se filia; quanto ao público, serve, por assim dizer, de chamariz, — e todos temos comprado, certamente, um ou outro livro pela sugestão dada pelo título. É verdade que, como André Brun fez num dos seus engraçados volumes, podemos chamar às nossas obras como «nos der na real gana», para usar um plebeísmo consagrado e expressivo como símbolo de independência, do mesmo modo que damos a um afilhado a graça que nos apronver. Porém, há títulos que evocam a-prioristicamente uma orientação definida, e é como uma espécie de desajustamento que a não encontramos; outros, pelo contrário, são inexpressivos, amorfo, neutros.

Labareda, livro de poemas de *Aurélia Borges*, está indubitavelmente na primeira categoria: um título que nos predispõe para certos aspectos amorosos e combativos, um grito de libertação em pleno estagnamento social. Há nele, efectivamente, certos poemas rubros, de ansia incontida, como o que abre (*Labareda*):

Baila!
Baila de roda sem parar!
Vai alta a labareda
da voluptuosidade...
Baila!
Baila em redopio
a minha ansiedade...

e outros, em que a sensibilidade da autora se desequilibra, como arrasada nas volutas duma chama:

— Eu sinto que sou astro
endoidecido
astro perdido
rolando em turbilhão;
— Eu sinto que sou curva
duma flecha indiana,
envenenada.

(*Pantefismo*)

Eu queria as minhas mãos
Tão quentes
como lava de vulcão
para, ao poisá-las no teu peito,
queimar teu coração.

(*As minhas mãos*)

Estes poemas, em que existe a libertação dum ser amoroso, valem pelo que o título sugere e representa. Pena é que outros, diferentes na essência e de concepção espiritualista, como *Mirtos* e *Isabel*

João Tendeiro

Livros

No próximo número, faremos referência aos seguintes livros:

As Escolas de Winnetka. As Viagens de Colombo e O Estoicismo, da autoria do dr. Agostinho da Silva. *Cadernos de Informação Cultural Iniciação* Lisboa.

Austeridades do Arcebispo, por Fr. Luiz de Sousa. *Portugal em 1842*, de Lichnowsky, e *A civilização feudal*, de Guizot — da colecção *Antologia, Introdução aos grandes autores*, organizada e editada por Agostinho da Silva.

Desta duas colecções referiremos outros livros agora recebidos, segundo as nossas disponibilidades de espaço.

Imprensa

Vida Mundial — Recebemos os n.ºs 173 e 174 desta interessante repositório de factos internacionais que se publica em Lisboa sob a direcção de José Candido Godinho, e se vende em Figueiró dos Vinhos no seu agente Juvenal da Conceição Simões e na barbearia de Victor do Carmo Correia.

Do último número transcrevemos:

«Nem todo o ouro do mundo chegará para pagar a guerra». Esta fórmula expressiva é de Alden Smith, membro da Comissão americana de empréstimo e arrendamento.

Já o mesmo se deu quando da primeira guerra mundial. A reserva mundial de ouro monetário era então de seis bilhões e meio de dólares. Contudo, a guerra custou 186 bilhões de dólares.

De 1918 para cá, a reserva mundial de ouro monetário aumentou: cerca de 25 a 26 bilhões de dólares-Roosvelt, isto é, desvalorizados em 1933.

Agora, porém, só os Estados Unidos empregaram mais de 25 bilhões de dólares em despesas de guerra, e estas despesas aumentam a cadência de mais de três bilhões de dólares por mês. Nem todo o ouro do mundo chegaria, pois, para liquidar os encargos de guerra só dos americanos.

A falta de metal, a guerra será paga com papel moeda.

Jornal de Moura — Este nosso estimado colega publicou um esplêndido número especial de 16 páginas dedicado à Feira de Moura. Inseriu numerosas fotografias, colaboração escolhida e uma bem apresentada propaganda das possibilidades administrativas, sociais, artísticas e comerciais da vila de Moura.

Suicídio

Pobre menino! Tão moço!
Caiu no fundo dum poço
repleto de sanguessugas,
fodoso, fétido, imundo.
Perdido na confusão,
dentro de si desterrado,
caiu, morreu afogado

De que valeu estudar,
passar os dias a olhar
o modo de ser dos outros
e o seu jeito de falar?
De nada. O moço era cego
e surdo-mudo. Coitado!
Tinha o destino cumprido,
nascera crucificado.

Havia homens nos campos
e nas fábricas, cantando,
mulheres grávidas sorrindo,
crianças sãs escutando.
Mas ele tanto pensou,
tanto cansou a cabeça
que a pobre ficou perdida.
E assim, um dia, lançou-se
no abismo, fóra da vida

Logo a seguir houve festa
com guizos, gaitas, foguetes,
e o povo dansou em volta
do poço escuro e profundo.
Porque aquê era um dos poucos,
ou talvez o derradeiro
cadáver do velho mundo

André Valmar

CARTEIRA

José Abreu Nunes

Tomou posse do lugar de guarda livros do Grémio da Lavoura de Figueiró dos Vinhos, Castanheira de Pera e Pedrógão Grande este nosso amigo e ilustre colaborador, que até à data desempenhou proficientemente o cargo de copista na Secretaria do Tribunal Judicial da posse Comarca.

Felicitemos o novo funcionário corporativo pela sua nomeação, e, dadas as excelentes qualidades pessoais do sr. José Nunes, o Grémio da Lavoura pela felicidade da escolha.

Dr. Sérgio dos Reis

De regresso de férias, já se encontra entre nós o sr. dr. Sérgio dos Reis e sua ex-ma esposa, director da escola secundária da Câmara.

Dr. José Dias

Em casa de seu filho sr. dr. José Maria Dias de Albuquerque Saraiva, dig-mo Chefe da Secretaria da Câmara encontra-se a passar o verão o seu ilustre pai sr. dr. José Dias, que está acompanhado de sua ilustre esposa e filho, aluno do 4.º ano de direito e nora.

Artur Martinho Simões

A passar alguns dias, com sua mãe, encontra-se nos Trespostos o nosso bom e considerado amigo sr. Martinho Simões, distinto chefe da repartição da Administração Política e Civil do Ministério do Interior.

Manuel Vasques

Encontra-se entre nós o sr. Manuel Vasques, ilustre redactor da Revista «Turismo», que anda colhendo elementos para o número especial que esta visita vai dedicar ao distrito de Leiria.

Visitas

Em Campelo têm estado a pas-

MICAS

por Maria Adelaide Serra

Amanhecia. Pelo postigo e por entre as telhas da cozinha começava a entrar uma fraca claridade. Micas esfregou os olhos, afastou um pouco a coberta de farrapos, espreguiçou-se, e, decidida, saltou abaixo da caixa. «Como custa levantar cédo! Apetecia-me tanto dormir!...» Mas eram horas de ir para o trabalho. O corpo doía-lhe. Fôra um dia da lufa, aquele da véspera. Todo o santo dia se malhara naquela eira. E, depois disto, dormir ali um cima daquela caixa. Quando conseguiria comprar uma caminha? — perguntava-se ela — E logo se punha a pensar no seu sonho de sempre: Uma cama jeitozinha, um lençóis, umas cobertas, uma roupa nova, uns sapatos... e... e... e o que havia de ser? um *papo-sêco*. Micas queria um rapaz do gravata e calças largas. E tôdas as vezes que este seu sonho lhe afluava ao pensamento, ela sorria, sorria, e fantasiava muitas coisas mais: Uma casinha nova pequenina, — mesmo que fôsse arrendada, mas nova! de velhas estava ela farta —, e depois teriam filhos, filhos! Micas via-se já com uma criancinha nos braços e sorria... Gostara sempre tanto das crianças! Isto era porém apenas um sonho. Na realidade, Micas era uma jornalista sem eira nem beira, e, desde que estivera a servir em casa do sr. Costa, o povo falava dela. De-la... e do patrão.

— Rais benha que o partam — gritava ti Joaquim — se é qu'ê m'andou a desfeitar a minha flor! Assado seja ôle no meio do inferno! Grande malandro!

Os rapazes da terra começaram a olhá-la com ares de troça. Ela chorava e dava-lhe ganas de abalar para onde nunca mais a vissem. A idéa de que «quem não é visto não é lembrado» deu em verrumar-lhe a cabeça. Por isso Micas cismava, procurando ver ainda como poderia ser feliz noutra terra. E foi neste cismar que se lhe apresentou a imagem da cidade. Então, como os olhos rasos de água, pôde, ajuda que a mêdo, voltar a sorrir.

Micas já não tinha mãe. Morrera-lhe, era ela pequenina. O pai há muito que estava velho e cansado. Passava agora a vida da taberna para o canto do lume, do canto do lume para a taberna. Os irmãos, êsses estavam já todos casados, cheios de filhos, e, pobres como eram, tomaram êles que os deixassem. Fôra pois esta situação que fizera com que saísse cedo da escola para ir ganhar o seu pão. Saira aos dez anos e mal sabia ler e escrever. Mas a

escola não lhe deixara saúdes. A professora batia a tôrto e a direito, a não ser na Mariazinha do sr. Cunha ou na Terezinha dos sr. Santos. De resto, era uma raiz: punções de orelhas para aqui, palmatoadas para acolá. E às vezes, para variar, tempos e tempos de joelhos ou de mãos erguidas atrás do quadro. E as multas? Se qualquer pequena ticha de ficar em casa para tratar da mãe que estava doente, para tomar conta dos irmãos mais pequenos e cozinhar para os pais que andavam a trabalhar, ou para ir mesmo ajudá-los nos trabalhos do campo, — zás! era certo e sabido que tinha de pagar 5\$00! Por isso Micas odiava a escola, embora querendo saber ler e escrever. E, quando mais tarde, via que já se esquecera do pouco que tinha aprendido, ficava triste e cismava.

Uma vez na cidade, longe das más línguas, Micas voltou a pensar no seu sonho dourado. Podia muito bem ser ainda feliz, trabalharia, ganharia dinheiro e casaria, finalmente. O caixeiro da mercearia do sr. Gomes era tão simpático... Simpático, e, a falar a verdade, parece que já não desgostava dela. Quando ia às compras, não a olhava e remirava tanto que a fazia corar? Mas de facto Micas estava agora uma rapariga de-truz. O seu corpo bem feito, os olhos meigos, a boca pequenina... Tudo nela era enfim graça e frescura. E então assim de vestido e avental de peito é que ela ficava! Até as senhoras que visitavam D. Faustina lhe diziam:

— Sim senhora, a D. Faustina arranjou agora uma criada que põe para o canto tôdas as outras cá da rua.

— O pior, minhas senhoras, é que a beleza dela não me faz o serviço.

D. Faustina tinha um filho, um menino já quasi doutor, mas que para ela, não deixava de ser sempre o seu querido Néné. Néné era muito esquisito. E uma das suas esquisitices consistia em tomar pela manhã, ainda na cama e de olhos fechados, o café dado às colherinhas pela criada. Ora Micas era agora a encarregada desse serviço. A princípio, tudo correu sem novidade. Porém, passado algum tempo, começou a não gostar muito de ir ao quarto do menino, mas, como era obrigada a isso, continuou, e, numa manhã, dera-se «aquela coisa assim», como ela dizia. Daí a tempos, D. Faustina pô-la na rua.

Na rua, sozinho, de saca debaixo do braço, Micas quedou-se, de olhos parados, e olhava... o seu sonho desfeito.

gues, conceituado comerciante da nossa praça.

— Também se encontra entre nós o sr. Ruy Ferreira, digno agente tecnico de engenharia, e regressou das suas merecidas férias com sua esposa e filhinho o sr. Sebastião da Costa Trancoço, digno Chefe da Agência da Caixa Geral de Depósitos e Provisão.

Partidas

Para as Caldas da Rainha seguiu a esposa do nosso assinante sr. António Curado de Almeida Júnior, digno comerciante desta vila.

Meditação

A's vezes eu começo a meditar
No que é a vida, tudo quanto existe
E a mesma ideta sempre em mim persiste
Constante, sem jamais me abandonar.

Continuamente o orbe anda a rolar
Através do Infinito e não desiste
Porque uma Le: suprema há que consiste
Em o ritmo das coisas ordenar.

Quer nos ventos que sopram rumerosos,
Quer nos mares que ondelam fragorosos,
Um princípio existe, uma energia

Que as coisas reanima e alevan'a,
Que p'ros céus as eleva e depois canta
A bela luz da vida, a luz do dia

Eduardo Garrido